



Metropolita Macário:

«A procedência do Espírito Santo»

Tradução ao português por Pe. André [Sperandio]

Atributo Pessoal de Deus-Espírito-Santo

OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

Antes de desenvolver a doutrina do atributo pessoal de Deus Espírito Santo, isto é, da sua procedência do Pai, algumas observações preliminares devem ser feitas.

Primeira observação: Esta doutrina constitui o dogma mais importante entre aqueles que distinguem a nossa Igreja Ortodoxa da Igreja Romana e de algumas comunidades e congregações protestantes, que creem e ensinam que o Espírito Santo procede não só do Pai, mas também do Filho. É por isso que merece atenção especial de nossa parte.

Segunda observação: Para precisar as ideias no desenvolvimento desta doutrina, é necessário estabelecer uma distinção rigorosa entre a **processão eterna do Espírito Santo, que constitui propriamente o seu atributo pessoal**, e a sua **processão temporal sobre as criaturas ou a sua missão no mundo**¹, o que não se relaciona com a hipóstase mesma do Espírito Santo, mas forma uma coisa externa e acessória, e não se atribui mais ao Espírito Santo do que ao Filho (Jo 16:28-29). Que a Igreja Ortodoxa, ao afirmar que o Espírito Santo procede somente do Pai, contrariamente à doutrina dos cristãos ocidentais, que pretendem e defendem que Ele também

¹ Negrito do tradutor.

procede do Filho, faz referência à processão eterna e hipostática do Espírito Santo. Quanto à sua processão temporal, os próprios Ortodoxos acreditam com os cristãos ocidentais que o Espírito Santo procede, isto é, tem a sua missão no mundo, não só do Pai, mas também do Filho, ou melhor, através do Filho.

Terceira observação: Para sermos inteiramente imparciais na solução deste problema, que durante séculos tem sido motivo de desacordo entre o cristianismo do Oriente e o do Ocidente, trataremos de apresentar, o mais brevemente possível, não apenas as provas da doutrina ortodoxa sobre o atributo pessoal do Espírito Santo, mas também as da doutrina heterodoxa, as colocaremos lado a lado de modo que cada um terá a liberdade de examinar e decidir por si, comparando-as, sobre quais lado a verdade é encontrada.

A PROCEDÊNCIA DO ESPÍRITO SANTO SEGUNDO A SAGRADA ESCRITURA

Existe alguma passagem clara e direta nas Escrituras que mostre que o Espírito Santo procede do Pai? Sim, sem dúvida, e mesmo uma passagem tão clara e direta quanto se poderia desejar; são as palavras do Salvador aos Apóstolos

“Quando vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que procede do Pai, dará testemunho de mim” (João 15:26).

Mas, é verdade que esta expressão, *que procede do Pai*, indica a processão eterna do Espírito Santo, e não o seu envio temporário ao mundo? Esta é a verdade exata.

O que comprova isso é, antes de tudo, a intenção que o Salvador pretendia ao pronunciar as palavras em questão. Todo o discurso do qual fazem parte (João 14: 16) tendeu sobretudo a consolar os discípulos da partida iminente do seu Mestre. Para isso Ele prometeu enviar-lhes o Espírito Santo em seu lugar; e este Espírito o nomeia primeiro, outro Consolador, que estará com eles para sempre (João 14: 16); e depois, o Espírito da verdade, que lhes ensinaria todas as coisas e os lembraria de todas as coisas que seu divino mestre lhes havia dito (João 14:26). Por fim acrescenta que este Consolador que haveria de vir, este Espírito da verdade, não é criado, mas procede do Pai, ou seja, Ele tem a eternidade de Deus e é, portanto, uma pessoa divina (João 15: 26). O complemento da Instrução era muito necessário para o propósito que o Senhor pretendia; Sem isso a consolação

dos Apóstolos teria sido incompleta; pois depois destas últimas palavras só puderam ter a convicção de que o seu futuro Instrutor, como pessoa divina, tomaria realmente o lugar Daquele de quem seriam separados, a quem reconheceram como o verdadeiro Filho do Altíssimo, nascido de Deus (Mateus 16: 16; João 16: 30); tanto mais quanto que seu Mestre, que anteriormente lhes tinha falado mais de uma vez sobre o Espírito Santo, nunca lhes tinha esclarecido sobre a própria natureza desse Espírito nem a sua dignidade pessoal.

A veracidade da nossa tese depende igualmente do conjunto e da disposição das palavras citadas. Se reconhecermos que as palavras “que procede do Pai” não expressam a processão eterna do Espírito Santo, mas apenas o seu envio temporal ao mundo, seríamos primeiro forçados a admitir no discurso do Salvador uma estranha tautologia; deverá ser lido assim: **“Quando vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte de meu Pai, o Espírito da verdade, que foi enviado do Pai, ele dará testemunho de mim”**. Portanto, não se pode explicar por que o verbo “procede” está no presente quando se trata de um envio futuro do Espírito Santo, e quando anteriormente o Salvador já havia anunciado mais de uma vez esse mesmo envio em um tempo futuro, ao dizer *do Pai*: “*Ele vos dará outro Consolador*” (João 14: 16), ou: “*Meu Pai o enviará em meu nome*” (Ibid., 26); e de si mesmo: “*Eu vos enviarei do Pai*” (Ibid., 15,26) enquanto, se tomarmos como incontestável que, no texto examinado, trata-se da eterna processão do Espírito Santo, não encontraremos nem tautologia nas palavras, nem nada de incompreensível no verbo procede; pelo contrário, este verbo deve estar no tempo presente, para indicar também tão aproximadamente quanto possível a eternidade, isto é, a constância e imutabilidade da processão do Espírito Santo; assim como, para declarar Sua própria eternidade, nosso divino Salvador disse no presente: “*Antes que Abraão fosse, Eu Sou*” (João 8: 58).

Finalmente, esta verdade é confirmada pela voz unânime de toda a cristandade primitiva, que nunca deixou de ver nas palavras do Salvador, “*que procede do Pai*”, a ideia da processão eterna do Espírito Santo. Bastará recordar aqui que estas palavras foram entendidas precisamente no mesmo sentido, não só pelos mais célebres Doutores da Igreja, Basílio, o Grande, Gregório, o Teólogo, João Crisóstomo etc., mas também por todo um Concílio Ecumênico, (o Segundo), que os inseriu no mesmo *Símbolo da Fé*.

Existe alguma passagem clara e direta nas Sagradas Escrituras que mostre que o Espírito Santo também procede do Filho? Nenhuma. É somente através do arrazoamentos e da interpretação que se tentou deduzir esta doutrina de diferentes passagens das Escrituras.

Diz-se primeiro que estas palavras: *que procede do Pai*, longe de excluir por si mesmas a ideia de que o Espírito Santo também procede do Filho, contêm-na, pelo contrário, sendo o Pai e o Filho um por essência, e o Filho possui tudo o que o Pai possui. Este raciocínio é admissível? Decididamente não! O Pai e o Filho, assim como o Espírito Santo, são de fato um por essência, mas diferem um do outro por serem pessoas; e tudo o que o Pai, o Filho e o Espírito Santo possuem, eles possuem igualmente, exceto, porém, os atributos pessoais, que não lhes são comuns, caso contrário caísse no sabelianismo, confundindo as hipóstases divinas. E quando se diz que o Pai engendra o Filho e faz proceder o Espírito Santo, fala-se propriamente do Pai como uma pessoa que tem seu atributo pessoal que o distingue do Filho e do Espírito Santo. Consequentemente, também, quando se diz que o Espírito Santo procede do Pai, sob o nome *Pai* não se pode entender ao mesmo tempo o *Filho*, que é um com o Pai em essência, e não em personalidade (Gregório, o Teólogo, oração 25).

Além disso, se se admite que a expressão “*que procede do Pai*” implica, longe de excluir, a ideia de que o Espírito Santo também procede do Filho, o Filho, sendo um por essência com o Pai, deve ser simultaneamente admitido que as palavras “*gerado do Pai*” não excluem, mas antes pressupõem, a ideia de que o Filho também é gerado do Espírito Santo, sendo o Espírito um só com o Pai. E, além disso, seríamos forçados a admitir que o Filho, engendrado pelo Pai, também é engendrado por si mesmo; e que o Espírito Santo, procedendo do Pai, também procede de si mesmo; e isso por causa da unidade de essência deles com o Pai e da coeternidade de todos. Em suma, se examinarmos cuidadosamente todo o discurso em que se encontram as palavras citadas, ficaremos convencidos do absurdo do arrazoamento que nos ocupa. Ao consolar seus discípulos antes de ascender ao céu, o Salvador promete enviar-lhes o Espírito Santo em seu lugar, e esse envio ele atribui ao Pai ou a si mesmo, dizendo-lhes: “E eu vos enviarei” (João 15:26); comparar 14: 26).

Imediatamente, porém, após estas palavras, Ele começa a falar da processão do Espírito Santo; é apenas o Pai que ele indica, sem fazer qualquer alusão à sua própria pessoa. Por que então, perguntaremos com São Marcos de Éfeso, nosso divino Salvador, depois de ter falado tão diretamente de si mesmo e de ter atribuído a si mesmo o envio do Espírito Santo, bem como ao Pai, não disse ele também sobre a processão que procede de nós? (Atas do Concílio de Florença, Sessão XXIII). Não é evidente que assim Ele estabelece uma diferença entre o que lhes é comum em relação ao Espírito Santo e o que pertence exclusivamente ao Pai? Ao afirmar, como foi feito, que ao dizer que procede do Pai, Cristo, sob o nome do Pai, compreendia-se também a si mesmo, como Filho, seria uma

afirmação inteiramente arbitrária. Com efeito, por que razão, no mesmo discurso, ao falar do envio do Espírito Santo, em vez de se ater ao mesmo sentido da frase, o Senhor estabelece uma distinção ao dizer *do Pai, meu pai enviará*; e, de si mesmo, eu vos enviarei?

Alguns insistem nesta última locução do Salvador, eu vos enviarei ... e fazem este arrazoamento: *“Se o Espírito Santo é enviado pelo Filho, é porque Dele procede; caso contrário, o Filho não poderia enviar o Espírito”*. Este também é um raciocínio inadmissível. A ideia de que, no mistério da Santíssima Trindade, o envio de uma pessoa por outra supõe necessariamente que a segunda procede da primeira, longe de ter o menor fundamento na Sagrada Escritura, é-lhe completamente oposta; pois a Escritura diz que o próprio Filho é enviado pelo Espírito Santo, e não unicamente pelo Pai (Isaías 48:16; 61:1; Lucas 4:18), enquanto a geração eterna do Filho é atribuída exclusivamente ao Pai e nada ao Espírito Santo. Esta ideia também se opõe ao raciocínio teológico dos mais renomados Doutores da Igreja primitiva, que explicam este envio de um modo totalmente diferente. Dizem-nos, com efeito, que o Filho envia o Espírito Santo, e que Ele mesmo é enviado por Ele, propriamente por sua unidade de essência, e por sua participação ou sua cooperação nos atos entre si (Ambrósio, *Do Espírito Santo*, Livro III, Cap. 1, n. 8).

E esta é a explicação mais natural, porque as três pessoas da Divindade têm tudo em comum, exceto os seus atributos pessoais, e sobretudo, por causa de sua unidade de essência, têm identidade de vontade e indivisibilidade de ação. Assim, quando uma das pessoas atua, as outras duas participam infalivelmente da sua ação. O Filho de Deus apareceu no mundo para a redenção do gênero humano: é representado como enviado pelo Pai e pelo Espírito Santo; o Espírito Santo vem para a santificação do mundo: é representado como tendo a sua missão vinda do Pai e do Filho; mas a Sagrada Escritura, não atribuindo ao Pai nenhuma ação particular no mundo, não é estranho que não represente o Pai como enviado pelo Filho ou pelo Espírito Santo (Ambrósio, *Do Espírito Santo*, Livro I, Cap. 3, nº 40).

De modo geral, convém recordar que a missão do Filho e do Espírito Santo no mundo, na medida em que é uma missão temporal, está relacionada com a ação externa de Deus, e toda ação externa é comum à consubstancial e indivisível Trindade. Por isso alguns antigos Doutores da Igreja expressam esta ideia de que o Filho, enviado ao mundo pelo Pai e pelo Espírito Santo, tem ao mesmo tempo a sua missão de si mesmo, exatamente como o Espírito Santo, enviado pelo Pai e para o filho. Além disso, há uma razão particular pela qual o Filho envia o Espírito Santo ao mundo: é que na sua qualidade de Redentor do mundo, o Filho adquiriu pelos seus méritos, perante a justiça

eterna de Deus, o direito inapreciável de enviar aos homens os dons da graça do Espírito Santo para a regeneração e santificação dos pecadores. É também por isso que a missão do Espírito Santo no mundo depende da glorificação do Senhor Jesus, e só se verificou após a consumação da grande obra, segundo estas palavras: “O Espírito Santo ainda não havia vindo; porque Jesus ainda não havia sido glorificado” (João 7:39).

Como evidência da dupla processão do Espírito Santo, alguns oferecem as seguintes palavras, que se encontram no mesmo discurso do Salvador aos seus Apóstolos:

“Tenho ainda muito que vos dizer, mas não podeis agora suportar. Quando vier o Espírito da Verdade, ele vos conduzirá à verdade plena, pois não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas futuras. Ele me glorificará porque receberá do que é meu e vos anunciará. Tudo o que o Pai tem é meu. Por isso vos disse: ele receberá do que é meu e vos anunciará. (João 16:12-15).”

Aqui nos detemos primeiro na expressão “ele receberá do que é meu”, e diz “do que é meu”, isto é, “ele tomará de mim”, que significa “Ele procede”; então, diante destas palavras, “Tudo o que o Pai tem é meu”, por isso se raciocina: “Se tudo o que o Pai tem, o Filho também tem, e se o Pai tem, entre outras coisas, o atributo de fazer o Espírito Santo proceder, segue-se que o Espírito Santo também procede do Filho”. Mas, uma interpretação e um raciocínio desta natureza estão completamente em oposição ao conjunto do discurso. Com este ponto de vista, eis aqui o que é evidentemente o significado das citadas palavras do Salvador: “Ainda há muitas verdades que não vos ensinei até agora, porque ainda não sois capazes de compreendê-las, mas quando vier o Espírito da verdade que eu vos prometi, Ele preencherá essa lacuna em meu lugar e lhe ensinará toda a verdade. Ele fará isso em meu lugar porque não será uma doutrina sua, uma doutrina nova, diferente da minha, que ele irá vos ensinar”. “Ele não falará de si mesmo, mas vos dirá tudo o que ouve”; pelo contrário, Ele continuará a vos ensinar a mesma doutrina que eu; “Ele tomará o que é meu e vos anunciará.” E assim como eu vos dizia anteriormente: “A minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou (João 7:16; compare 14:10 e outros), também no presente, para fazê-los compreender melhor o que eu vos digo; acrescento que “tudo o que o Pai tem é meu”; Por isso cheguei a dizer que o Espírito Santo “receberá o que é meu e vos anunciará” (Veja a interpretação desta passagem de São João Crisóstomo, Homilia 78 sobre o Evangelho de João).

Portanto, estas palavras, “tomará do que é meu”, e estas, “tudo o que o Pai tem é meu”, referem-se exclusivamente à doutrina de que o Filho, tendo

vindo ao mundo para fazer a vontade do Pai celestial para a salvação dos homens, recebeu do Pai, e que o Espírito Santo, como sucessor do Filho na terra na mesma obra de salvação, devia receber do Filho. E essa expressão: *“Ele tomará do que é meu e vo-lo anunciará”*, não deve ser entendida da seguinte forma: *“O Espírito Santo tirará de mim o que Ele não conhecia e não tinha antes”*; porque o Espírito, como Deus, conhece e possui tudo desde a eternidade; deve ser entendido assim: *“Ele continuará depois de mim ensinando-vos a minha doutrina”*, e não outra; *“Ele vos recordará todas as coisas que vos tenho dito”* (João 14: 26), *“e terminará de vos dizer em meu lugar o que ainda tenho para vos dizer, mas que agora não compreendeis”*. E por quê? *“Porque Ele e eu somos um só em essência; porque ambos temos a mesma sabedoria, a mesma ciência, a mesma ação indivisível.”* Assim explicam esta passagem os antigos Doutores da Igreja (Ambrósio, *Do Espírito Santo*, Livro II, Cap. 12; e João Crisóstomo, op. cit).

Se alguns deles encontram nas palavras *“tomará do que é meu”* a ideia da processão eterna do Espírito Santo, entendem-na de uma forma totalmente diferente da forma como ad entendem os cristãos do Ocidente hoje em dia. Assim se expressa Santo Atanásio:

“Cristo disse: Ele tomará do que é meu, isto é, do que é de meu Pai, porque acrescentou: Tudo o que o Pai tem é meu; Por isso eu disse que tomará do que é meu, e os dará a conhecer. (Contra o Macedônio).

Entremos então agora em alguns detalhes sobre esse assunto. Se a expressão *tomará do que é meu* significa: *“é de mim que Ele tem a eternidade de existência, de mim que ele procede”*, perguntaremos, por que o verbo *tomará* está no futuro, bem como aquele que imediatamente o precede, *glorificará*, e o que vem depois *anunciará*? Será que no momento em que o Filho falava aos seus apóstolos, o Espírito Santo ainda não havia procedido Dele, mas só procederia Dele depois de Sua ascensão ao céu? Pretender que o verbo *tomará* expresse um passado ou um presente seria o mesmo que fingir que os outros dois, ele *glorificará* e *anunciará*, que estão intimamente ligados com *tomará*, expressem também o passado ou o presente; mas isso seria transtornar completamente o sentido do discurso.

Se quiséssemos afirmar, também sem fundamento, que apenas o verbo *tomar* designa o presente e os outros dois o futuro, isso seria mais uma nova alteração do sentido do discurso. Seria necessário compreender as palavras do Salvador desta forma: *“O Espírito Santo me glorificará porque procede de mim e vos anunciará”*. E o que Ele vos anunciará? ... Somos levados a algumas incoerências ainda mais graves quando, como fazem os

heterodoxos, tomando sem qualquer restrição as palavras do Salvador: *“tudo o que o Pai tem, é meu”*, raciocina-se. assim: *“Mas o Pai tem o atributo de fazer proceder o Espírito Santo; o Filho então o possui igualmente ...”* Pelo contrário, como o próprio Filho disse ao Pai: *“Todas as minhas coisas são tuas coisas”* (João 17: 10), e que o atributo do Filho é o de ser engendrado pelo Pai, seria necessário concluir daí que o Pai tem o mesmo atributo. A encarnação pertence ao Filho; Bem, também pertence ao Pai! Só há uma maneira de descartar todas estas inconseqüências: é tomar em sentido estrito estas palavras do Salvador: *Tudo o que o Pai tem é meu*. O Filho na verdade tem tudo o que o Pai tem, do ponto de vista da essência, a divindade, por exemplo; assim como o Pai tem tudo o que pertence ao Filho, exceto, porém, os seus atributos pessoais. Assim era entendida esta expressão pelos mais célebres Doutores da Igreja primitiva. Segundo eles, designava propriamente a unidade de essência do Pai e do Filho, os seus atributos essenciais e, em geral, tudo o que têm em comum (Atanásio, *Epistolar a Serapião*, II, 5), mas de forma alguma os seus atributos particulares (São Gregório, o Teólogo, *Sermão 34*; São João Damasceno, *Exposição da Fé Ortodoxa*, III, capítulo 7).

E por esta razão é que tiveram a ideia de que tudo o que pertence ao Pai pertence não só ao Filho, mas também ao Espírito Santo. (São João Crisóstomo, *Homilias sobre João*, 68). Deve-se notar que aos olhos dos heterodoxos estas provas da doutrina ocidental sobre o atributo pessoal do Espírito Santo, e sobretudo, a última, são as principais. As outras consideram mais débeis e, por isso mesmo, menos dignas da nossa atenção.

Assim, há quem tente deduzir a doutrina da processão eterna do Espírito Santo destas palavras do Apóstolo São Paulo aos Gálatas: *“E porque sois filhos, Deus enviou aos vossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: ‘Abba, Pai’”* (4: 6) E raciocina-se: *“O Espírito Santo é chamado Espírito do Pai* (Mateus 10:20), *sem dúvida porque procede Dele; É, portanto, pela mesma razão que Ele também é chamado o Espírito do Filho”*.

Mas, em primeiro lugar, não é rigorosamente necessário que aquilo que é atribuído a diferentes pessoas lhes seja atribuído precisamente pela mesma razão. O Espírito é chamado Espírito do Pai, seja porque é consubstancial a Ele e inseparável Dele, ou talvez porque procede Dele: porque a Escritura diz isso claramente (João 15:26); porém, o chamado Espírito do Filho, unicamente porque, sendo consubstancial a Ele e sempre inseparável Dele, permanece constantemente com Ele, e a palavra de Deus não nos autoriza a crer que seja designado como procedendo também do Filho. Todos os antigos Doutores consideravam o Espírito Santo como chamado Espírito do Pai e Espírito do Filho exatamente pela sua

consustancialidade com ambos (São João Crisóstomo, *Homilia de Pentecostes*), e conseqüentemente, embora muitas vezes dissessem que não era estranho ao Filho, que era próprio do Filho, Espírito do Filho, negavam ao mesmo tempo a sua procedência no Filho (São João Damasceno, *Exposição da Fé Ortodoxa*, Lib. 1, 7).

É preciso acrescentar ainda que, nas palavras citadas do Apóstolo, não se trata da hipóstase do Espírito Santo, mas dos dons da graça que Ele distribui nos corações dos fiéis, daquele espírito de adoção e de caridade, daquele Espírito de liberdade e segurança diante de Deus, com o qual todos os que nascem Dele estão plenos daquele espírito do qual o Apóstolo disse: “Com efeito, não recebestes um espírito de escravos, para recair no temor, mas recebestes um espírito de filhos adotivos, pelo qual clamamos: Abba! Pai!” (Romanos 8:15). Nesse sentido, é muito natural chamar o Espírito do Filho, porque todos os dons espirituais são adquiridos para nós pelos méritos infinitos do Filho, e é por meio Dele que são distribuídos em nossos corações. (São Basílio, *Contra Eunômio*, Livro liv, 5).

Nossos adversários querem ver a processão eterna do Espírito Santo também nestas palavras da Epístola aos Romanos: “*Vós não estais na carne, mas no espírito, se é verdade que o Espírito de Deus habita em vós, pois quem não tem o Espírito de Cristo não pertence a ele.*” (8:9) Porém, o Espírito Santo é chamado Espírito de Cristo, e pela razão que o faz chamar Espírito do Filho, isto é, porque é consustancial com Ele (Ambrósio, *Comentário à Epístola aos Efésios*, capítulo 3), e porque é o mesmo Espírito que constantemente repousa em Cristo e o anima como nosso Redentor (Isaías 11:2, 3), e porque nos é dado por causa dos méritos de Cristo. Além disso, ao examinar o contexto destas palavras do Apóstolo, elas podem ser entendidas da seguinte forma: “*não viveis mais uma vida carnal e pecaminosa, mas uma vida espiritual e santa; porque o Espírito de Deus habita em vós. Quanto àquele que não vive espiritualmente, que não tem nele o Espírito de Cristo, isto é, que não guarda em si os pensamentos e sentimentos que encheram Cristo, não considero esse homem como cristão.*” Com efeito, a expressão *Espírito de Cristo* é substituída no primeiro versículo do mesmo capítulo pela única palavra espírito, em oposição à palavra *carne*; enquanto a expressão ter o Espírito de Cristo contrasta com estas: *estar em Cristo* (8:1). *Cristo está em nós* (8:10). Não pode então haver nenhuma alusão nisto à processão eterna do Espírito Santo do Filho.

Finalmente, nos oferecem a narrativa evangélica sobre o nosso Salvador: “Dizendo isso, soprou sobre eles e lhes disse: “Recebei o Espírito Santo.” (João 20:22). Mas se quisermos concluir do fato de que o Salvador comunicou o Espírito Santo aos seus Apóstolos, soprando sobre eles, que o

Espírito também procede do Filho desde toda a eternidade, então devemos necessariamente admitir que o Espírito Santo também procede dos Apóstolos, porque também comunicaram o Espírito Santo aos fiéis impondo-lhes as mãos (Hebreus 8:17); e afirmar que o sopro do Salvador indica a origem eterna do Espírito, e não simplesmente um dom desse Espírito, seria ainda mais absurdo; porque por estas palavras de Moisés que Deus espalhou um sopro de vida sobre o rosto de Adão, também teríamos que concluir que a nossa alma também procede de Deus desde toda a eternidade. Os Padres da Igreja insistiram muitas vezes nesta expressão do Evangelho e explicaram-na de diferentes maneiras, dizendo que, ao soprar sobre os Apóstolos, o Salvador apenas os preparava para receberem dentro de si o Espírito Santo, ou lhes dava o poder para atar e desatar; ou, finalmente, lhes comunicava, embora em menor grau, a mesma graça e o mesmo poder do Espírito Santo, dos quais foram recompensados mais tarde, no dia de Pentecostes. Mas nenhum deles encontrou no texto citado a ideia da procedência eterna do Espírito Santo (Crisóstomo, *Sobre João, Homilia* 86).

Que conclusão geral se pode tirar do que dissemos até agora? Com toda a justiça, eis aqui está a conclusão: a Sagrada Escritura ensina muito claramente e até literalmente que o Espírito Santo procede do Pai, mas não ensina, nem literalmente nem mesmo em espírito, que Ele também proceda do Filho. Esta última doutrina é então completamente estranha a toda a Escritura, porque dela não pode ser deduzida nem mesmo por arrazoamentos, embora os seus defensores tenham feito muitos esforços para o fazê-lo.